



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social

Palácio do Planalto, 04 de setembro de 2003

Eu não posso fazer nenhum comentário sobre a pauta que o movimento sindical mandou, porque estou vendo agora.

Eu quero cumprimentar os conselheiros e as conselheiras que estão aqui, sobretudo os novos, que eu estou vendo pela primeira vez, porque faz dois meses e meio que eu não participo de nenhuma reunião do Conselho.

Eu estava vendo aqui, companheiros sindicalistas, uma frase, na primeira página de vocês, e me lembrei de uma história. Aqui está dizendo assim: “Redução. É necessária uma redução drástica dos juros”. E eu fico me perguntando por que a palavra “drástica”? Não bastaria falar: redução da taxa de juros?

Isso me lembra uma vez, em que eu estava numa comissão em que a Benedita era candidata – acho que à prefeita do Rio de Janeiro ou governadora, e fui fazer um discurso sobre reforma agrária. Eu falei com tanta força o discurso da reforma agrária, e gritando tanto que, quando eu desci, uma velhinha falou assim para mim: “Lula, dá para você falar mais devagar? Você pode dizer a mesma coisa: “eu vou fazer reforma agrária”. Eu entenderia. Mas você gritou tanto que me assustou.” Então, eu acho que a queda dos juros vai acontecer, mas, talvez, não de forma tão drástica como alguns querem.

Eu quero dizer que a presença da Marisa aqui é para vocês serem mais gentis comigo. Sempre que tem mulher presente vocês se comportam melhor. Não sei por que hoje as mulheres ficaram todas atrás, não tem nenhuma na frente, só a Benedita. Quero dizer para vocês o seguinte: eu estou feliz, porque eu acho que o Congresso Nacional, ontem – eu até perdô se o Delfim



e o Armando derem uma cochilada aqui, porque ficaram até às três horas da manhã no Congresso –, eu estou feliz porque o Congresso se portou com a grandeza que a sociedade brasileira esperava dos parlamentares brasileiros; tanto aqueles que votaram a favor, como aqueles que votaram contra deram uma contribuição extraordinária para o fortalecimento da democracia neste país.

Eu nunca esperei unanimidade em nenhuma das votações e não espero. Eu espero o debate, o confronto de idéias. E a democracia vence na hora em que a maioria decide o que é melhor para este país. Embora eu não seja deputado, muitas vezes eu fico até às duas horas da manhã vendo os debates, para ver se aprendo um pouco com os debates que se dão no Congresso Nacional.

Acho que os deputados tiveram um papel exemplar. Acho que os governadores tiveram um papel importante. Desde a primeira reunião em que eu convidei os governadores, eles assinaram um documento comigo e, mesmo assinando esse documento, continuaram reivindicando mais espaço. Eu acho que a participação dos governadores foi importante e vai continuar sendo, porque ainda vamos para o Senado e voltarmos para a Câmara.

Foi muito importante a capacidade de negociação demonstrada pela Casa Civil, pelo José Dirceu e pelo companheiro Palocci, porque, no Brasil, tem muita gente que não está habituada à negociação. Então, qualquer negociação é interpretada por alguns como se fosse a política do “é dando que se recebe”, como se fosse uma coisa maléfica, quando a coisa mais nobre no processo político é exatamente a capacidade de negociação que as pessoas têm. E nós vamos continuar negociando.

Alguns, certamente, desejariam que o meu partido, com apenas 90 e poucos deputados, não fizesse acordo com ninguém e aprovasse tudo. Na verdade, os que criticam os acordos que nós fazemos são aqueles que nos chamariam de inábeis se não fizéssemos acordos.



O que nós mostramos é o que, eu dizia, desde o começo: nós vamos ensinar este país a negociar. Nós vamos ensinar este país a atingir a maturidade que ele precisa para dar um salto de qualidade interno e externo. Nós precisamos ter a grandeza de entender que as negociações se fazem extremamente necessárias.

E eu estou feliz. Estou feliz porque acreditamos nisso, porque fizemos o que tínhamos que fazer e o importante é que nós começamos. Eu assumi o governo dizendo: nós vamos fazer primeiro o necessário, depois o possível e, quando menos se esperar, nós estaremos fazendo o impossível.

Eu acho que na hora em que a reforma da Previdência Social e a reforma da política tributária forem aprovadas, definitivamente, será quase como atingir o impossível, num país onde os governantes normalmente têm medo de enfrentar as diversidades.

Nós não estamos preocupados com isso porque eu tenho dito aos meus companheiros que eu não estou pensando na próxima eleição, eu estou pensando na próxima geração. Que país nós, que estamos aqui, vamos deixar para essa gente que não nos pediu para vir ao mundo? Portanto, temos que ter responsabilidade; não podemos pensar na eleição de prefeito, de governador, de Presidente ou na reeleição para deputado, mas pensar o seguinte: o que vai ser deste país daqui a vinte ou trinta anos? O Guido já falou um pouco do PPA para vocês, do PPP (projeto de Parceria Público-Privada) e outras coisas que nós queremos fazer.

O que eu aprendi nessa votação das reformas? Os sindicalistas devem conhecer muito bem isso – eu me lembrei da reforma e é impressionante quando se discute reforma, é mais ou menos quando o trabalhador chega com o salário pequeno em casa e não dá para fazer tudo o que a família quer.

Muitas vezes a família fica em volta do trabalhador dizendo: eu quero comprar aquilo, eu preciso fazer aquilo, eu tenho que pagar aquilo, eu tenho um casamento, eu preciso de uma roupa nova. Ninguém discute como fazer



para o coitado ganhar um pouco mais. Ninguém discute como fazer para ajudar no orçamento, para que a família possa fazer a “farra do boi”. Na reforma também é assim, é impressionante a capacidade das pessoas discutirem o quanto querem, mas é impressionante também a dificuldade de dizerem onde nós vamos arrumar dinheiro.

Esse é um problema presente em todos os segmentos da sociedade, ou seja, é muito difícil discutir. Nós precisamos ter dinheiro para fazer tudo o que nós queremos. De onde vamos tirar esse dinheiro? Nós vamos ter que dizer. Eu aprendi uma lição na reunião que fiz com os ministros, para discutir o orçamento, e disse aos meus companheiros: no próximo ano eu vou pegar vocês pelo pé. Vou mandar o esboço do orçamento um mês antes e vou dizer para os ministros: cada um vai ter 30 dias para me dizer onde nós vamos arrumar a totalidade do dinheiro que todo ministro acha que deveria ter. Porque aí, é preciso haver uma transferência de responsabilidade nessa lógica da construção do bolo que todos nós achamos que o Brasil tem que ter, para que possamos fazer os investimentos necessários para o crescimento que queremos para o nosso país.

Nós estamos fazendo aquilo que acreditamos que precisaríamos ter feito. Nós começamos dizendo que era preciso recuperar o Mercosul e para recuperá-lo seria necessário recuperar a confiança entre os dirigentes que compõem os governos do Mercosul. Começamos dizendo que era preciso criar uma política externa que desse um pouco mais de atenção aos países fronteiriços com o Brasil e que se o Mercosul tivesse mais força – tanto política, quanto econômica e de participação social, teríamos mais força para negociar com outros blocos existentes no mundo.

Hoje eu me considero feliz porque estou convencido de que o Mercosul vai ter, num curto espaço de tempo, a grande maioria dos países da América do Sul participando. Eu me lembro que fui ao Peru na semana passada e na quinta-feira recebi um telefonema em que me disseram que o Peru não iria



entrar mais no Mercosul. Nós viajamos na segunda-feira e o Peru assinou o acordo de participação no Mercosul.

Até outubro vamos trazer outros companheiros para participar, porque é bom para eles e é bom para nós; descobrimos uma coisa que todo mundo já sabe, mas muitas vezes é mais fácil fazer o discurso evasivo: que é preciso fazer integração na América do Sul ou integração não sei onde.

Nós, hoje, não temos estradas, não temos pontes, não temos ferrovias; temos dirigentes da América do Sul que, para vir ao Brasil, têm que ir para Miami, e se um homem de negócio tem que ir a Miami para vir ao Brasil, ele já faz negócios em Miami, não precisa vir para o Brasil.

Da mesma forma, é uma vergonha a gente não ter vôo para nenhum país africano. Nós ficamos dependendo dos aviões da África do Sul. Meu companheiro Palocci, a empresa aérea da África do Sul tem cinco vôos lotados para o Brasil, quer colocar mais um e as empresas brasileiras não deixam colocar, mas também não colocam.

Como é que se pode querer fazer negócio com os países africanos se, dependendo do país, a pessoa tem que ir a Paris para depois vir ao Brasil? Já faz negócio em Paris. Então, se nós quisermos alargar o nosso leque de expansão política, comercial e cultural, temos que alargar as possibilidades de que os homens e as mulheres possam transitar entre os países; senão, fica um discurso em que toda a América do Sul fica chorando, há séculos e séculos, o fim do subsídio dos produtos agrícolas americanos e europeus. E eles não vão dar porque nós somos pobres, eles só vão dar no dia em que perceberem que nós não precisamos mais.

A experiência de negociação nos leva a entender que ninguém respeita subalternos. Ninguém respeita a pessoa que vai negociar de cabeça baixa, ninguém respeita um pedinte. Nós temos que chegar lá com força. Por isso, nós estamos consolidando a América do Sul. Vamos, em novembro, estabelecer uma relação mais forte com a África. Em dezembro vamos visitar o



Líbano, os Emirados Árabes, a Arábia Saudita, a Síria, o Egito, a Líbia, porque não é possível que parte dos bilhões de dólares que os árabes têm, hoje, nos Estados Unidos, não possa vir um pouco para cá. E para vir para cá nós não temos que ficar aqui dizendo que nós temos carnaval, futebol, gente bonita e inteligente. Nós temos que ir lá convencê-los de que nós somos um mercado importante. Nós temos que definir marcos regulatórios que possam garantir a quem quiser pôr o seu dinheiro aqui, que venha, porque vai ter a certeza de que não vai ser assaltado. Isso é como um trabalhador comum, quando vai abrir sua continha bancária. Se estiver escrito na porta do banco “abra sua conta aqui e perca 1% ao mês”, ele não abre.

Nós vamos fazer isso por quê? Porque isso vai nos garantir forças suficientes para ganhar mais força nas negociações, nos organismos internacionais, sobretudo, na Organização Mundial do Comércio. É por isso que nós já estamos alinhados com a África do Sul e com a Índia. Vamos agora atrás da China e da Rússia, porque nós vamos compor um bloco capaz de ter força política para forçar uma negociação na Organização Mundial do Comércio.

Enquanto nós, brasileiros, chegarmos lá, com as pessoas mais competentes que nós temos, dizendo que o Brasil é pobrezinho, tem criança de rua, tem analfabeto, eles não vão abrir. Eles estão pouco preocupados com as nossas crianças de rua. Nós é que temos que nos preocupar. E é por isso que nós temos que tentar abrir mercados, para termos aqui os recursos que precisamos para fazer os negócios que queremos fazer.

Quando eu tinha marcado para ir à África, em julho, o que me impressionou foi que, só no Itamaraty, 203 empresários se inscreveram para fazer a viagem. Tantos não se inscreveram para ir a outros países a que eu fui, numa expectativa que o empresário brasileiro também precisa começar a pensar em ser grande. Não é nenhuma vergonha o empresário brasileiro pensar em ser um empresário multinacional. E se ele quiser ser multinacional,



ele tem que deixar de ser pessimista e começar a procurar outros espaços.

Eu fico imaginando quando o Rei de Portugal imaginou vir para o Brasil. Tinha os pessimistas que falavam: como é que vai para o Brasil? Não sabiam que tinha o Brasil ainda. Como é que nós vamos descobrir uma terra nova? Tem esse mar imenso que a gente não sabe nem quantos quilômetros tem; nós não vamos conseguir. Aí o otimista falou: vamos fazer um barco e vamos tentar. E conseguiu chegar.

O rio Paraguai, até 40 anos atrás, era o divisor do Brasil com o Paraguai. Depois que nós construímos Itaipu, o rio passou a ser o unificador do Brasil e Paraguai. Então, o que eu acho é que nós temos que ter uma vocação expansionista enquanto empresários, enquanto governo.

E nós estamos dizendo para todos os governantes: nós não queremos ter vocação de hegemonia para com ninguém. Nós queremos ter vocação de parceria, nós queremos ser companheiros da Argentina, para que não haja disputa menor entre a Argentina e o Brasil. Nós queremos ser parceiros do Uruguai, do Paraguai. Nós queremos ser parceiros da Colômbia, do Peru, da Venezuela, até porque o Brasil pode ajudar muito, se for competente. E pode atrapalhar muito, se for pequeno.

E é pensando assim que eu sairei do encontro da Hebraica, dia 15, às 11 horas de noite, vou à Colômbia e volto, depois do almoço, para tentar falar com o nosso companheiro Uribe, para que ele comece a pensar mais seriamente na possibilidade que a Colômbia tem de crescimento ao se aproximar do Brasil e não ficar achando que são os Estados Unidos que vão ajudá-los. É essa consciência que nós queremos criar nessas pessoas. Por isso, nós vamos fazer na política externa uma atuação muito grande. Tem gente que se incomoda porque o Presidente está viajando demais. Eu já vi até artigo dizendo: “Nossa, como ele viaja”. Mas se eu não viajasse iam dizer: “Ele não viaja porque não fala inglês”. Falariam isso. O que eu acho extremamente importante e sério é que tem uma demanda por este país. E nós é que temos



que ter a grandeza de saber se vamos responder a essa demanda viajando por viajar, ou se vamos responder a essa demanda viajando porque temos interesses estratégicos para o nosso país.

Eu disse a vocês no começo que eu posso errar em qualquer coisa, mas na política eu não vou errar. E acho que o Brasil não pode se dar ao luxo de errar. E quero dizer isso para vocês com a franqueza de quem está mais otimista hoje do que já estive.

De vez em quando vejo as coisas pelos jornais, eu fico lendo. E sabem aqui os meus companheiros ministros que eu não sou de perder o humor. Até antes de eu ter 50 anos eu perdia muito o humor, brigava muito. O Marinho sabe. Mas, depois dos 50 anos a vida está curta para a frente, então podemos tentar fazê-la ficar melhor se a gente não ficar de mau humor.

De vez em quando, as pessoas que exportam falam: “O Palocci, tem que cuidar para que o dólar fique acima de R\$ 3,20, porque senão não vai favorecer as exportações.” Aí, o outro que deve falar: “O Palocci tem que baixar o dólar para dois e não sei quanto, para facilitar o nosso pagamento.” Imaginem se o Palocci tivesse o poder de dizer quanto é que vai ser o dólar.

O que nós queremos, na verdade, é dizer para vocês: o que vai estabilizar a nossa moeda é a estabilização da economia e da política neste país. Não vai ser o tacão do Presidente do Banco Central, do Ministro da Fazenda ou do Presidente da República, vai ser com a lógica da confiabilidade que nós conquistaremos o mundo. E vamos conquistar mais. Sem brincar, sem mentir, sem ficar vendendo facilidades.

Eu fui criado aprendendo a dizer que a verdade muitas vezes é muito dura, mas ela tem que ser dita. A mentira é mais fácil, porque protela. E aí, se você conta a primeira, tem que passar a vida inteira mentindo para poder justificar a primeira.

Então eu prefiro dizer a verdade, mesmo que doa. A nossa política econômica talvez não seja a política econômica do sonho do Palocci, do meu



sonho, do sonho do Tarso, do Guido ou de vocês. Mas é a política econômica que nós temos consciência que é possível fazer nesse momento. Alguns apressados que cobram mais rapidez, oito meses atrás imaginavam o desastre no país.

Então, nós estamos tranquilos. Vocês podem ter certeza que nós estamos tranquilos. A nau tem comandante. E não vai ser nenhuma onda, porque eu não sou surfista, que vai me fazer tomar medidas precipitadas. As medidas vão ser feitas na hora certa e na medida em que tiverem que ser feitas.

Nós, mais do que ninguém, queremos o crescimento econômico. Mais do que ninguém eu desejo gerar os empregos que eu, a vida inteira, reivindiquei. Porque não são os companheiros que reivindicam hoje. A minha vida inteira foi reivindicar. E eu, agora, não questiono ninguém, Tarso, eu agora só me questiono. Eu tenho que atender às minhas próprias reivindicações. E vamos fazer. Vamos fazer à medida que formos criando as condições de fazer.

Nós, agora, por exemplo, vamos fazer uma inovação. Está pronto o PPA, que foi entregue ao Congresso Nacional. Nós definimos quais são as obras prioritárias e quais as obras em que nós vamos procurar parceiros nacionais. Vamos fazer um convite a muitos parceiros internacionais que queiram investir aqui. Aquilo que o governo puder fazer com seu dinheiro vai fazer, sobretudo em áreas em que a iniciativa privada não possa entrar, mas naquilo que a gente puder fazer parceria, não tenho dúvida de que nós vamos fazer.

Não vamos conversar com empresários oferecendo discursos, vamos conversar oferecendo projeto: está aqui o projeto, está aqui o marco regulatório; é o desafio de querer ou não querer, porque se não for assim as coisas não andam; vocês todos acompanham o orçamento neste país e sabem que, no frigor dos ovos, o dinheiro que fica para os investimentos é sempre muito pouco, porque grande parte do orçamento está comprometido.



Nós temos que procurar quem tem dinheiro – são os nossos amigos empresários espanhóis, portugueses, italianos, franceses, americanos, chineses, libaneses? Quem é que tem dinheiro? Quem é que tem dinheiro aqui? São os empresários nacionais? Vamos conversar, vamos colocar a mão no bolso e vamos acreditar neste país.

Vamos tentar fazer o que precisa ser feito, porque nós acreditamos que este país entrou numa outra roda. Eu hoje estava andando com a Marisa no Alvorada, o Palocci não foi, e tem um monte de pé de jabuticaba lá. Eu vou preparar uma para vocês com a jabuticaba, porque eu falo muito dessa fruta. Mas eu estou desde janeiro naquela casa e a gente vai ao pé de jabuticaba e nunca tem nenhuma, está sempre sem flor, porque Brasília é muito seca, e o sol bebe a água antes dela chegar à raiz; todo mundo sabe que jabuticaba precisa de água e sol. Há um mês e pouco nós colocamos lá um gotejamentozinho. Hoje, nós fomos lá e eu acho que daqui a alguns dias eu vou encher vocês de jabuticaba.

Eu falo isso para lembrar a vocês: está acontecendo com o meu pé de jabuticaba e que vai acontecer com este país, o que vai acontecer na economia nacional. No Brasil tem um tipo de gente tão pessimista, que eu acho que nem filho eles poderiam ter; primeiro, porque não têm tempo de esperar o período de fertilidade da mulher; segundo, porque não têm tempo de esperar nove meses para o filho nascer; terceiro, porque não têm tempo de esperar um ano para o filho aprender a falar papai; então, “já que demora muito, eu não vou ter.” Eu e a Marisa somos otimistas, enchemos a casa. A política deste país é assim e aí é que entra o papel extraordinário deste Conselho. Eu disse para vocês uma vez: jamais vocês vão me ver pedindo para que vocês não falem o que quiserem falar; mas é importante que, na hora em que quiserem falar, vocês se sintam cúmplices de uma boa causa, ajudando a gente a encontrar os caminhos que precisamos encontrar.

Tudo que puder ser feito para colocarmos dinheiro no mercado para que



possamos aumentar o consumo, a gente vai fazer. Vamos fazer linha de crédito com o movimento sindical e com os aposentados, estamos também discutindo a questão da liberação do Fundo de Garantia; se for necessário, vamos discutir mais acordos como os automotivos enquanto setor da economia; vamos abrir linha de crédito para todos aqueles setores que nós entendemos que podem comprar alguma coisa.

Vamos continuar brigando e trabalhando para que o “spread” caia, vamos tentar fazer tudo na lógica da política de um governo que quer provar que a democracia, às vezes, parece ruim, mas até hoje não se encontrou um regime melhor do que ela.

No regime militar não se precisaria ter ficado até às 3 horas da manhã para votar; na democracia tem que ficar. Você sabe que tem maioria, você tem 308, mas para valorizar a democracia, tem que deixar as pessoas extravasarem aquilo que estão falando. Então, nós vamos continuar fazendo isso e eu quero terminar dizendo para vocês: muitas vezes nós cobramos muito dos outros e cobramos pouco de nós.

Uma vez eu fiz um curso, quando eu era dirigente sindical, e a pergunta era simples: o que você fez durante os últimos sete dias? Era para ver se a pessoa estava exercitando o seu mandato com a competência que lhe era dada pela categoria. E a gente percebeu que tinha um tempo de inutilidade, de ociosidade, porque a gente não fazia aquilo que deveria estar fazendo.

Eu queria dizer para vocês uma coisa: teoria é uma coisa gostosa, porque a gente não tem que decidir, a gente acha, pensa, acredita, mas a gente não executa. A diferença entre o teórico e o “cara” que tem que executar é que um teoriza e o outro tem que assinar o cheque. E na hora de assinar o cheque, sempre há mais responsabilidade. Por quê eu estou dizendo isso? Porque nós temos alguns problemas no Brasil que não serão resolvidos por nenhum governo. Nós temos alguns problemas no Brasil que só serão resolvidos no dia em que a sociedade brasileira chamar para si a



responsabilidade de resolver.

Eu vou dar um exemplo para vocês: esses dias eu recebi, aqui, a Coca-Cola. A Direção da Coca-Cola veio me comunicar que vai abrir, em todas as capitais do Brasil, um restaurante popular para oferecer comida a R\$ 1,00. E qual é o milagre? Ela fez um acordo com a empresa fornecedora de alimentação. O custo da comida para a empresa que fabrica o alimento é de R\$ 2,80. A Coca-cola assume R\$ 1,80 e cobra R\$ 1,00 de quem vai ao restaurante. Ela faz para o restaurante a mesma comida que os funcionários dela recebem, onde ela tem fábrica e manda para o restaurante, em convênio com as prefeituras, um *container* em que a comida fica quente doze horas por dia. Tem gente para servir direitinho. As pessoas mais pobres vão lá e comem por R\$ 1,00.

Eu fico me perguntando: quantas empresas, neste país, poderiam fazer o mesmo? Quantas? Uma empresa que tem dez mil trabalhadores, que faz 10 mil refeições, o que custaria para ela fazer mil a mais? Ou quinhentas refeições a mais? O que custaria? Nada absolutamente nada. E isso poderia ser feito em parceria com as prefeituras, para dar o local. A gente poderia fazer um milhão de coisas neste país, se cada um de nós parasse de falar: eu tenho que cobrar de alguém, eu tenho que cobrar do ministro, eu tenho que cobrar do governo, e se cada um de nós falasse: “o que eu posso fazer?” “qual é o gesto que eu posso ter para fazer alguma coisa?”

A CNI assumiu um convênio com o Ministério da Educação para alfabetizar 3 milhões de pessoas em quatro anos. Já começou, me parece que está indo muito bem. A Viviane Senna me apresentou o trabalho, eu participei de um ato aqui, em que ela e um grupo de empresários assumiram a responsabilidade de recuperar 600 mil crianças em Pernambuco, que estavam na escola, mas que não estavam aprendendo a ler nem a escrever.

Tem outros exemplos de empresários aqui com a Febraban, que assinou um acordo conosco para a construção de cisternas. Agora, eu fico me



perguntando: quanto custa uma cisterna? Dez mil reais, quinze mil. Mil e duzentos reais? Cada cisterna? Eu fico imaginando quantos empresários poderiam procurar o Ministério de Combate à Fome e dizer: “eu vou dar uma cisterna.” Uma. Não precisava dar duas, só uma. E por quê eu estou dizendo isso? Eu vou ler os números para vocês. Pelo menos são os números que eu tenho de 2001, Guido. Se tiver mais aqui, você me avisa.

Se nós pegarmos as pequenas, médias e grande empresas, e mais as micro, nós temos, no Brasil, um total de quase 4 milhões e 200 mil empresas. Imaginem se cada uma desse uma cisterna. Como o Movimento quer fazer 1 milhão, nós, 4 milhões, já daríamos 3 milhões de cisternas “de lambuja” para o Projeto. Que custasse 10 mil reais cada uma. Imaginem se cada empresa, neste país, sindicato também, resolvesse o seguinte: “Eu tenho 100 funcionários e vou assumir o compromisso de alfabetizar 10% dos funcionários que eu tenho; eu vou procurar 10% de analfabetos e vou alfabetizar.” Imaginem quanta gente se alfabetizaria neste país! Imaginem! Nós não podemos ficar esperando apenas que a institucionalidade resolva os problemas, que são resultado da própria institucionalidade. Se ela criou, ela não vai resolver. Quem tem que resolver são outros caminhos.

Eu fico imaginando uma empresa como a Volkswagen – não sei se tem aqui representante da Volkswagen -, com seus 60, 70, 80 mil. Imaginem se ela resolver falar: “nós vamos este ano alfabetizar 10%, um número equivalente a 10% dos trabalhadores da indústria automobilística. Ela tem professora lá dentro, ela tem tudo lá dentro tudo e poderia ir à periferia; perto da fábrica tem sempre uma favela, tem sempre um monte de gente pobre do lado, e ela poderia dizer: “então nós vamos procurar, nós vamos alfabetizar.”

O governo é um coitadinho, não tem dinheiro, nós vamos fazer o nosso papel mas a gente faria uma revolução neste país sem precisar ninguém comprar uma arma, sem ninguém precisar atirar, a gente faria uma revolução de comportamento.



Vou terminar dizendo para vocês que não é mais possível, no nosso meio, que prevaleça apenas a lógica da discussão da macroeconomia, a lógica da contabilidade, até porque um país do tamanho do Brasil, com os problemas do Brasil, não será resolvido apenas pela lógica contábil.

Os dirigentes, os empresários e a sociedade não podem mais pensar apenas com a cabeça. Eu acho que em algum momento nós temos que ter a consciência que nós, seres humanos, somos tocados por sentimentos. É o sentimento que nos toca e, portanto, se a gente colocar o coração para falar um pouquinho, no nosso dia-a-dia, possivelmente as soluções dos problemas do Brasil estejam muito mais próximos e muito mais fáceis do que os números gelados de uma pesquisa, seja do IBGE, do IPEA, da Febraban, da CNTI, da CNI, seja de qualquer instituição. O número é gelado demais, ele não dá sentimento, ele dá apenas conhecimento.

Eu não sei se a direção da Febraban já foi visitar as cisternas que está fazendo. Eu acho que quando alguém se depara diante de uma casa, em que uma simples cisterna é a razão de ser daquela família, deve pensar: “puxa vida, eu poderia ter feito isso muitos anos atrás, e hoje esse problema da miséria já estaria resolvido no meu país.”

Vamos parar de pensar em nós mesmos, vamos parar de sentar atrás de uma mesa e ficar dizendo: “eu preciso disso, eu preciso daquilo, porque o dólar não sei das quantas, porque os juros não sei das quantas;” tudo isso é muito importante, a gente tem que discutir, mas vamos discutir o que cada um de nós pode fazer por aqueles que não tiveram a mesma oportunidade que todos nós tivemos.

Muito obrigado e parabéns aos companheiros do Conselho.

/rss/cms